

[I - Coimbra Património da Humanidade]

No passado dia 22 de junho a UNESCO declarou a Universidade de Coimbra património da Humanidade. A coincidência com o ano em que comemoramos 500 anos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra é muito feliz. Reconheceu a UNESCO que a Universidade de Coimbra serviu de modelo a inúmeras universidades no mundo lusófono; reconheceu o seu valor arquitetural e a forma única como se integra na cidade; e ainda que Coimbra simboliza a cultura e a língua portuguesas, que tanta influência tiveram no mundo.

A discussão no Comité do Património da UNESCO impressionou-me profundamente. Para os representantes de países longínquos como a Índia, a Tailândia, a Colômbia ou o México, não havia qualquer dúvida de que a Universidade de Coimbra simboliza a cultura e saberes de Portugal pelo que, tendo estes tido decisiva influência na atual conformação política e cultural do mundo, a Universidade de Coimbra tinha de ser reconhecida também por essa dimensão imaterial.

Isto é algo de extraordinário. Além fronteiras, Coimbra é, para muitos, o símbolo primeiro da própria cultura de Portugal, da sua língua, da sua presença planetária, da sua influência na História.

Sinto-me pequeno perante a responsabilidade que esta honra imensa deposita sobre os nossos ombros. Sinto o olhar atento de todos estes reis, lembrando-nos que somos um pilar fulcral da cultura e do país que eles protagonizaram, e que esperam de nós a energia e a argúcia necessárias para que essa cultura e esse país resistam às dificuldades, recuperem e se desenvolvam.

É devida aqui uma palavra de agradecimento ao Reitor Seabra Santos, que aqui lhe transmito em nome de toda a Universidade. É dele a energia primeva que construiu a candidatura da Universidade de Coimbra, Alta e Sofia, a património da Humanidade. Na impossibilidade de nomear todas as mais de 200 pessoas que, em graus diversos, para ela contribuíram, permitam-me que destaque neste agradecimento os membros das equipas reitorais que sucessivamente a coordenaram: os professores António Filipe Pimentel, João Gouveia Monteiro, Raimundo Mendes da Silva e Clara Almeida Santos.

Conseguida a classificação, importa olhar em frente e tirar partido dela. Há quatro grandes avenidas a explorar.

Em primeiro lugar, cuidar do património físico. Com a Câmara Municipal de Coimbra e o Governo, e envolvendo todos os outros parceiros relevantes, temos de conseguir que a classificação resulte numa melhor conservação e recuperação da zona classificada. A Associação Ruas, que reúne todos estes parceiros, é uma experiência inovadora na gestão de áreas classificadas, que poderá servir de modelo noutros casos.

Em segundo lugar, torna-se necessário aproveitar o turismo para dar visibilidade à Universidade, gerar receita e transformar a região. A receita do turismo tem vindo a aumentar na Universidade a cerca de 10% ao ano e vai seguramente aumentar ainda mais em resultado da classificação. A médio prazo podemos conseguir mudar o atual turismo de passagem para um turismo de estadia, o que teria um enorme impacto favorável na

economia da região. Seria uma concretização fantástica do potencial que a presença de uma grande universidade histórica como a de Coimbra pode ter no território onde se insere.

Em terceiro lugar, está em causa aproveitar a condição de Coimbra como universidade de referência da língua portuguesa. É sob esta bandeira, mais do que legítima, que é possível atrair milhares de estudantes estrangeiros para cursos de aprendizagem do Português, em formatos diversos. De entre os muitos milhares de pessoas que, todos os anos, aprendem Português como língua estrangeira em todo o mundo, há de certeza alguns milhares que quererão vir à universidade fonte dessa língua. Temos de ser capazes de construir a oferta capaz de os atrair.

Em quarto lugar temos de conseguir que o prestígio acrescido decorrente da classificação reforce, em todas as áreas, a nossa capacidade para atrair melhores estudantes, grandes professores, desafiantes projetos, sólidos financiamentos.

O reconhecimento exterior não vem só da UNESCO: entrámos este ano, pela primeira vez, no Top 500 do ranking de Shanghai, onde só se encontram mais duas universidades portuguesas; e tivemos subidas acentuadas em todos os outros grandes rankings internacionais. Na auditoria externa QS Stars, de grande relevância para nos ajudar a melhorar a nossa organização interna, obtivemos 5 estrelas em investigação, inovação e internacionalização. É certo que temos muito caminho para fazer, mas a verdade é que estamos solidamente em trajetória ascendente.

[II - A UC e o país]

Infelizmente, é profundo o contraste entre este crescente reconhecimento externo e o tratamento que tem vindo a ser dado às universidades portuguesas, sujeitas a cortes orçamentais de enorme dimensão, muito acima da média da administração pública.

Haverá razões relevantes, específicas de Portugal, para que assim seja?

Uma narrativa que ouvimos vezes sem conta na comunicação social, e em que muitos parecem acreditar, é que não vale a pena ter formação superior, pois o desemprego é o destino que espera os que acabam o curso.

Mas não é assim. No final do segundo trimestre deste ano, por exemplo, o Instituto Nacional de Estatística diz que a taxa de desemprego entre as pessoas que terminaram o ensino secundário e não obtiveram formação superior era 40% mais alta do que para aqueles que completaram um curso superior. No caso das pessoas apenas com o ensino básico ou inferior, a diferença era ainda maior: 47% mais alta. Se o grupo dos diplomados nas melhores universidades portuguesas fosse analisado separadamente, a vantagem da formação superior seria seguramente ainda mais evidente.

A melhor defesa contra o desemprego é um curso superior de qualidade. O mais direto caminho para o desemprego é ficar pelo caminho.

Por outro lado, sendo o euro uma moeda tão forte, um país da zona euro só pode basear a sua competitividade no conhecimento inovador. Ora, as universidades têm um papel

decisivo na produção desse conhecimento inovador, e portanto são peça chave na recuperação de Portugal.

Como se compreende então que, neste final de setembro, ainda não saibamos qual o orçamento de que vamos dispor para o ano corrente? O reforço necessário para pagar o subsídio de férias em novembro tem-nos sido repetidamente prometido, mas sabemos que será parcial, e não sabemos qual a parte que terá de ser suportada por nós. Foi-nos também aplicada em agosto uma cativação de 1,5 milhões de euros, que temos vindo a reclamar que seja levantada, mas ainda não temos qualquer resposta. Somados todos os cortes temos em 2013 uma redução efetiva de cerca de 3,8 milhões de euros. Não é possível absorver esta diminuição num orçamento que já vem tão apertado de 2012.

Para 2014, e apesar das incógnitas que subsistem, temos a certeza de um cenário igualmente sombrio. A dotação inicial não baixa muito em relação a 2013 ("apenas" cerca de 2%), mas o PIDDAC desce 62%, para uns irrisórios 300 mil euros, e os descontos salariais da entidade empregadora passam de 22% para 25% por cento. Repare-se que no regime privado a entidade empregadora desconta 23,75% para a segurança social, pelo que os encargos no regime público ultrapassarão os do privado. Além disso não temos qualquer garantia de que não haja cortes adicionais, anunciados apenas durante o ano, à semelhança do que tem vindo a acontecer em 2013.

Mas o mais grave para 2014 é a tentativa de impedir as universidades de aumentar as receitas próprias acima do valor de 2012, e de proibir que elas possam ser livremente usadas. Repare-se por exemplo que esperamos que este ano a nossa receita proveniente da prestação de serviços especializados cresça cerca de 20% em relação a 2012, em cumprimento aliás dos objetivos do nosso plano estratégico. Querem que em 2014 recuemos para os níveis de 2012? É insano.

Mesmo para a cobertura das despesas essenciais, o Orçamento do Estado atribuído à UC está longe de ser suficiente. A massa salarial estrutural ascenderá em 2014 a cerca de 95 milhões de euros, mas a dotação de OE não chegará aos 80 milhões. E ainda é preciso pagar eletricidade, água, limpeza, segurança, telefones, livros, reagentes, reparações, um nível mínimo de investimento, etc, etc.

Isto é, sem sólidas receitas próprias já estaríamos em colapso total. Por isso, a interferência do Governo nessas receitas é uma linha vermelha que não pode ser ultrapassada, e as universidades disseram-no, em uníssono. As propostas de orçamento que apresentámos para 2014 não respeitam as orientações do governo nesse sentido. Esperamos que este aceite formalmente esse facto, o que ainda não fez, embora tenha havido declarações públicas parcialmente nesse sentido.

E atenção! Que ninguém duvide da nossa determinação em sermos, plenamente, Universidade. As dificuldades, as decisões políticas insensatas, não nos fazem desistir nem desanimar, só reforçam a firmeza com que atuamos. O Governo e os outros Órgãos do Estado encontrarão em nós um parceiro sempre leal, mas inabalável no cumprimento da sua missão secular. Somos um dos esteios da nação, e bem conscientes dessa responsabilidade histórica.

Temos tido por exemplo uma participação muito ativa na elaboração da estratégia da

região centro para o próximo Quadro Comunitário de Apoio 2014-2020. Com as universidades de Aveiro e da Beira Interior, elaborámos um documento conjunto que aponta linhas estratégicas para a boa utilização desses recursos.

[III - A atividade da UC]

No ano letivo passado a UC manteve uma atividade intensa, e as perspetivas para o ano letivo que agora se inicia são ainda melhores. A crise não nos consegue fazer parar! É de inteira justiça realçar aqui, e saudar, o trabalho dos diretores das Faculdades. Permitam-me um agradecimento especial, em nome da Universidade, aos que durante este ano terminaram funções, na Faculdade de Letras os Professores Carlos André e António Rebelo, e na Faculdade de Direito a Prof. Anabela Rodrigues. Aos que iniciaram funções ou as renovaram, quero reafirmar publicamente o que já sabem: a total disponibilidade da equipa reitoral para trabalhar em conjunto convosco para encontrar as melhores soluções para a nossa Universidade.

Ensino

Os resultados da primeira fase do concurso nacional de acesso foram bastante bons. Somos destacadamente a universidade que melhor preencheu as suas vagas, de entre as que não estão localizadas nas áreas metropolitanas de Lisboa e Porto, e ficámos mesmo ao nível das universidades públicas de Lisboa. Tendo em conta a crise económica, que dificulta a mobilidade, foi inegavelmente um bom resultado.

Mas a crise é real, e as famílias têm mesmo mais dificuldade em manter os seus filhos no ensino superior, para não falar naqueles estudantes que têm de se suportar a si próprios. Demos assim uma grande atenção à ação social, tendo no ano letivo passado aumentado a apoio concedido através do Fundo de Apoio Social. Em paralelo, depois de um longo processo de discussão e aperfeiçoamento, foi já publicado no Diário da República o regulamento de um novo tipo de apoio social, tanto quanto sei inovador em Portugal: o PASEP (Programa de Apoio Social a Estudantes através de atividades de tempo Parcial). Através dele, os estudantes poderão ter as suas propinas pagas, ou acesso gratuito a cantinas e alojamento, na medida em que colaborem em atividades úteis para a UC, como sejam trabalhar em bibliotecas, vigiar salas de estudo ou corrigir avaliações de colegas em estágios de formação mais iniciais. A gestão do programa é assegurada pelos SASUC, estando a decorrer os últimos ajustamentos necessários para o seu início efetivo. Tenho muita esperança que este mecanismo possa ser uma ajuda importante para cumprir este desígnio central: que nenhum estudante abandone o ensino superior por dificuldades económicas.

A mesma preocupação com os estudantes levou também a que fôssemos a primeira universidade portuguesa a integrar todas as nossas áreas de formação no portal de emprego da Rede Trabalhando, presente em 11 países e que recebe cerca de 200 mil oportunidades de emprego/mês em toda a rede.

Assinalo com muita satisfação que o sistema de qualidade pedagógica ficou finalmente completo, com o início de funções do Conselho da Qualidade, e que é cada vez mais generalizada a reflexão coletiva que os docentes de cada curso fazem para identificar os pontos fracos e fortes a melhorar ou disseminar no ano letivo seguinte. É um processo

que, se seguido com persistência, vai permitir-nos ter uma oferta de vanguarda em todas as áreas do saber.

2012/2013 é também o ano em que demos o enorme salto de passar a dispor de um regulamento de cursos não conferentes de grau, e de os serviços passarem a dar apoio à organização desses cursos. Temos agora boas condições para alargar bastante a nossa oferta deste tipo nos próximos anos, para além de continuarmos a desenvolver o ensino à distância.

Investigação

Na criação de conhecimento, a nossa missão central, demos passos importantes.

A receita arrecadada proveniente de financiamento competitivo na Universidade de Coimbra ultrapassa este ano os 25 milhões de euros, registando um significativo aumento de 42% face ao ano anterior. Comparativamente a 2010 o crescimento ultrapassa os 21%, pelo que a UC recuperou inteiramente da quebra de 2011 e 2012.

O investimento em equipamento científico está a ser muito elevado em 2013, e vai ser ainda maior em 2014. Os projetos "plataformas científicas da UC" e "HPC-Ring", onde houve uma aposta no re-equipamento em detrimento do betão, com um financiamento líquido do QREN de perto de 8 milhões de euros, irão dotar a Universidade de um conjunto de equipamentos científicos pesados que vão melhorar muito a nossa capacidade de desvendar os mistérios da Ciência. O projeto do edifício do Biomed III está em licenciamento. O projeto do Laboratório do Fogo está em fase final, depois de um atraso provocado pela falência do empreiteiro inicial.

As verbas dos centros de investigação foram executadas em 2012 praticamente a 100%, numa demonstração de grande melhoria da nossa administração e do trabalho empenhado de todos os investigadores da UC. Ficámos no topo das universidades portuguesas e, em resultado disso, tivemos para 2013 e 2014 um financiamento dos centros de investigação quase sem quebra em relação aos anos anteriores.

Assinalo muito particularmente a entrada em funcionamento do Instituto Jurídico. Desejo os maiores sucessos ao seu Diretor, o Professor Rui Moura Ramos, ainda mais agora que um grande ranking internacional fez justiça à nossa excelente tradição na área dos estudos jurídicos, colocando o Direito da UC entre os 150 melhores do mundo, e no primeiro lugar de Portugal.

Há poucos meses lançámos a UC Digitalis, que já é o maior plataforma digital em língua portuguesa de informação académica, com especial ênfase nas ciências sociais e humanas, uma área em que continuamos a ter reconhecida relevância no contexto nacional e internacional, justificando bem os esforços de visibilidade que se encontram em curso. É uma ferramenta poderosa para dar visibilidade ao conhecimento produzido na UC, aberta a contribuições de outros colegas, que conta já com mais de 10.000 documentos, tendo sido lançada há menos de 1 ano com apenas 1001 documentos. É um projeto estratégico, que acreditamos venha a ser a plataforma digital académica de referência para a lusofonia.

Ainda no plano dos acontecimentos muito positivos, quero aproveitar esta circunstância para dar os meus públicos parabéns à Doutora Ana Cristina Santos, investigadora do nosso Centro de Estudos Sociais, associado à Faculdade de Economia, pelo financiamento de 1,4 milhões de euros que obteve por parte do ERC (European Research Council). É apenas o terceiro obtido na UC, depois do Doutor Boaventura de Sousa Santos e do Doutor Lino Ferreira. Espero que outros investigadores nossos se candidatem e que tenhamos mais sucessos como este nos próximos anos.

Convido-vos a olharem para os terrenos que estão entre a circular e o rio Mondego, no polo II, junto ao Departamento de Engenharia Mecânica. Verão, já em fase avançada, um ambicioso projeto designado UC/InProplant (Investigação em Propagação de Plantas), desenvolvido em parceria entre a UC, através do Departamento de Ciências da Vida da Faculdade de Ciências e Tecnologia, e um conjunto de viveiristas da região. Tem por objetivo caracterizar geneticamente as melhores variedades de árvores de fruto portuguesas e permitir a produção competitiva dessas variedades, com certificação genética e fitosanitária. Surpreendentemente, não existe ainda um catálogo adequado de espécies fruteiras portuguesas, algo que este projeto, financiado por privados e pelo QREN, espera resolver, prestando um inestimável serviço ao país.

Foi criado o projeto especial da reitoria "Energia para a sustentabilidade", liderado pelo Doutor António Gomes Martins, dando corpo a uma estrutura informal anteriormente existente, já com atividade relevante, que se tem vindo a consolidar, sendo através dela atualmente a UC um dos parceiros de referência em Portugal para as questões da energia. A área de energia da segunda fase do programa MIT-Portugal será justamente liderada pelo Doutor António Gomes Martins. Aliás, das quatro áreas do programa MIT-Portugal há mais uma liderada por um professor de Coimbra que aqui igualmente saúdo: o Doutor Pais Antunes, do Departamento de Engenharia Civil, vai supervisionar a área dos transportes. A engenharia de Coimbra continua a ganhar reconhecimento internacional.

A iniciativa "Ageing@Coimbra", liderada pelo Prof. Doutor João Malva e pela Faculdade de Medicina e que já levou ao reconhecimento pela Comissão Europeia da zona centro como região europeia de referência para o envelhecimento, tem um enorme potencial para reforçar a nossa capacidade de atrair investimento, em particular para I&D e serviços de saúde avançados.

Outras iniciativas temáticas estão em preparação.

Honra-nos a atribuição pela Academia Portuguesa da História do Prémio Calouste Gulbenkian «História da Europa» ao Doutor João Gouveia Monteiro pelo seu livro «Grandes Conflitos da História da Europa. De Alexandre Magno a Guilherme “o Conquistador”», um notável obra, que é simultaneamente científica e de divulgação.

A preocupação de analisar problemas relevantes da sociedade existe em todas as áreas da UC. Na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, por exemplo, um estudo coordenado pelo investigador Francisco Simões mostrou que o insucesso escolar no ensino básico, um flagelo que causa grandes danos à sociedade portuguesa, pode ser substancialmente diminuído pela introdução de professores tutores.

O desenvolvimento de uma nova forma de vacina da hepatite B por via oral, por parte

uma equipa do Centro de Neurociências e da Faculdade de Farmácia, coordenada pela Doutora Olga Borges, abre novas vias para o controlo dessa importante doença dos dias de hoje.

O potencial de Coimbra para a criação de conhecimento na área da saúde continua, no entanto, por realizar em plenitude, sendo necessário muito mais trabalho nesse sentido. Temos de conseguir uma muito melhor coordenação de esforços entre a Universidade de Coimbra e o Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra, para nos aproximarmos mais do funcionamento de um hospital universitário e de um centro de desenvolvimento de terapêuticas de vanguarda.

Ligação ao exterior/transferência de conhecimento

Na terceira missão da universidade, de transferência de conhecimento direto para o tecido económico e social, tenho de realçar que a última edição do *Regional Innovation Scoreboard* da Comissão Europeia considera que a Região Centro passou a situar-se entre as 100 regiões mais inovadoras da Europa, surgindo pela primeira vez no grupo das regiões consideradas “Innovation Follower”.

A Universidade de Coimbra tem nessa evolução um papel central. Através do Programa Estratégico Ecosistema de Inovação INOV.C, que coordena, tem contribuído para uma articulação dos agentes locais e regionais em torno de uma estratégia de promoção do empreendedorismo e da inovação, estimulando a valorização comercial de resultados de projetos de I&D, na sua maioria resultantes da investigação que se faz na Universidade de Coimbra. O Instituto Pedro Nunes, o Biocant, o iParque, todos ajudam nesta evolução tão positiva. Saúdo a nova fase do IPN, o TecBiz, que está quase pronta, e quero dar destaque às 22 patentes submetidas pela UC em 2012, e ao facto de a Universidade de Coimbra ter conseguido licenciar a sua 10ª patente a uma empresa privada.

Internacionalização

Temos duas linhas estratégicas principais de internacionalização: os países de língua portuguesa, e o Oriente, com destaque para a China.

Atingimos em 2012/2013 a invejável posição de sermos a principal universidade brasileira fora do Brasil, com quase 2.100 estudantes brasileiros, num total de mais de 2.600 estudantes lusófonos. Temos muitas ligações com outros países de língua portuguesa, com destaque para Timor e Angola.

A estratégia dirigida ao Oriente teve muitos desenvolvimentos durante 2012/2013. Foram assinados novos protocolos com universidades chinesas e japonesas que permitirão um fluxo maior de estudantes daqueles países em direção a Coimbra. A atual exposição do Sul ao Sol traz à luz do dia a rica história de relações entre Coimbra e o Oriente e o papel que tivemos no conhecimento mútuo de civilizações distantes. Um primeiro resultado é a criação pela Fundação Macau de bolsas de investigação para estudos sobre Macau e a China na UC.

A abertura da Casa da Lusofonia, inaugurada recentemente no polo I, é um momento importante desta estratégia: funciona como o espaço de trabalho das associações de

estudantes lusófonos e como espaço de acolhimento de estudantes internacionais, qualquer que seja a sua origem. Traduz uma mensagem muito importante para os estudantes que nos chegam de 90 países diferentes: que em Coimbra estão num espaço que não é só Portugal, mas sim a casa de toda a Lusofonia.

E a Europa? Não deveria ser também uma prioridade nossa? Claro que é, nem precisa de ser enunciada. Ligações muito intensas aos países de língua portuguesa e ao Oriente são, aliás, um forte argumento de reforço da nossa capacidade negocial na Europa. Por exemplo, estamos já a ser requisitados como consultores da Comissão Europeia nas relações com o Brasil na área do ensino superior.

Desporto

No desporto é motivo de grande orgulho que tenhamos sido, pelo terceiro ano consecutivo, considerados pela European University Sports Association (EUSA) a melhor Universidade em desporto universitário. A nossa prioridade é a recuperação do estádio universitário, neste ano do seu 50º aniversário. A candidatura à organização dos jogos europeus universitários em 2016, que nos poderia dar uma grande ajuda nesse sentido, não teve sucesso, mas vamos candidatar-nos de novo, desta vez aos jogos de 2018, novamente em parceria com a AAC e a CMC.

Merece também ser realçado o sucesso das equipas desportivas portuguesas cientificamente acompanhadas pela nossa Faculdade de Ciências do Desporto, entre as quais a dupla vencedora da medalha de ouro na prova de K2 500 nos recentes mundiais de canoagem.

Cultura

Numa universidade como a nossa, a cultura deve ser, ao mesmo tempo, objeto de investigação e fonte da atividade permanente e transversal, em direto reporte à grande tradição criativa de que a Universidade se orgulha. Como é visível e reconhecido, a atividade cultural da UC está pujante. Basta falar na Semana Cultural. Este ano, contou com 149 eventos e um público de mais de 15 mil pessoas. O Teatro Académico Gil Vicente é, atualmente, a sala de espetáculos portuguesa com maior densidade de programação. Isto é possível graças a uma intensa colaboração com a CMC e outros agentes culturais da cidade. No próximo ano, a semana cultural vai acompanhar as comemorações dos 950 anos da chegada de D.Sesnando a Coimbra em 1064, que iniciou um período histórico de gestão moçárabe marcado pelo desenvolvimento cultural e económico e pela convivência entre culturas e religiões, que pretendemos evocar.

Organização interna

O aperfeiçoamento da nossa organização interna é uma preocupação constante. As alterações feitas há cerca de 1 ano no sector de compras permitiram melhorar substancialmente o respetivo desempenho; foram recentemente reestruturados outros serviços, entre os quais os serviços académicos, com objetivo similar. Outros se seguirão. Quero manifestar o meu reconhecimento a todos os que trabalham na administração, e aqui saúdo o seu administrador, Dr. Jorge Tavares, pois, embora de forma gradual e discreta, têm-se obtido melhorias consolidadas em muitas áreas, apesar da contínua

diminuição de pessoas e recursos.

Temos também obtido resultados muito positivos a nível de poupanças nos custos de funcionamento; por exemplo, a contratação conjunta de reagentes permitiu poupar cerca de meio milhão de euros; a substituição de empresas externas de limpeza e vigilância por pessoal dos SASUC permitiu poupar mais de meio milhão. No último ano conseguimos um decréscimo de 5% no consumo de água e 4,3% nos consumos de energia.

[IV - Considerações finais]

Início a parte final desta minha intervenção agradecendo ao Prof. Henrique Madeira, meu colega e amigo de tantos anos, a enorme dedicação às funções de vice-reitor. Agora que, a seu pedido, abandona a equipa, respondendo ao apelo da intensa atividade de investigação científica que teve de interromper, onde aliás atingiu o mais elevado reconhecimento internacional, desejo-lhe uma reentrada rápida nesse mundo. São professores assim que fazem as universidades grandes.

Ao Prof. Luís Filipe Menezes, professor catedrático de Engenharia Mecânica, o meu agradecimento pela disponibilidade para assumir as funções de vice-reitor em tempos de tanta dificuldade. Assumirá os pelouros dos recursos humanos, turismo, formação não conferente de grau e antigos estudantes. Haverá alguns pequenos ajustes nos outros pelouros, destacando-se a junção da inovação à investigação científica, pois a prática mostrou que são áreas muito próximas que podem beneficiar muito de uma gestão conjunta. Ficarão sob a responsabilidade do Prof. Amílcar Falcão.

Reafirmo um princípio simples: a Universidade são as pessoas que a compõem. Tudo continuarei a fazer para preservar esta comunidade, em contínua adaptação ao evoluir dos tempos.

A este propósito, permitam-me que refira uma situação que acompanhei com atenção, por vezes com apreensão, mas que terminou em encanto. Refiro-me à luta denodada, de quase um ano, da senhora administradora dos Serviços de Ação Social, a Dra. Regina Bento, para que o seu André conseguisse ultrapassar as múltiplas barreiras de um nascimento no limite do prematuro. Todos torcemos por ele, e por ela, e pela sua família, e é uma alegria tê-los agora connosco, em pleno. Que a vida lhes reserve as venturas que merecem! Uma palavra é devida aqui ao Dr. Pires Marques, que assumiu com total dedicação e grande eficácia a tarefa de administrador interino dos SASUC durante todo esse período. Muito obrigado!

À minha mulher e aos meus filhos um obrigado pleno, pela ajuda, pela compreensão, pelo suporte inabalável em mais um ano de pressão sem tréguas.

Termino com uma certeza: os tempos estão muito difíceis, mas sei que não vamos fraquejar. Continuo a sentir sobre nós o olhar de todos estes reis, o olhar de todos os membros do comité de património da UNESCO que nos declararam património da Humanidade, o olhar de todos aqueles que, por esse mundo fora, reconhecem em nós a Universidade de referência do mundo lusófono, fonte da língua e símbolo inteiro da cultura portuguesa. Só podemos responder firme, presente!

Se nos tentarem impedir de sermos Universidade, se nos tentarem impedir de cumprir a missão que a sociedade portuguesa nos conferiu ao longo de mais de sete séculos de história, encontrarão em nós a mais fria determinação. Defender a universidade portuguesa, defender a Universidade de Coimbra, é defender a nossa própria nacionalidade.

Renovo a palavra simples que vos trouxe quando tomei posse: o otimismo. Nós vamos conseguir, porque a nossa vontade é antiga, porque a nossa força é imensa.

Coimbra, 2013-09-25

João Gabriel Silva
Reitor